

AUTORA VENCEDORA DO PRÉMIO RITA
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

*Sexy e emotivo.
Damien regressa
para fazer sonhar
as leitoras.*

Amarra-me

Ele é o que a mantém sã.
Ela é o que o torna mais forte.

J. Kenner

TOP
SEL
LER

Pela janela vou observando os jardins primorosamente cuidados que ladeiam a via larga que percorro a bordo de um luxuoso e sumptuoso *Rolls Royce Phantom*, um clássico. Um carro tão elegante e mágico que me faz sentir uma princesa, numa carruagem real.

O asfalto desfruta da sombra proporcionada por fileiras paralelas de carvalhos maciços, cujos ramos formam arcos sobre a rua, criando um dossel frondoso. A luz da manhã infiltra-se por entre as folhas, em feixes dourados nos quais o pó cintila e bruxuleia como que a dançar ao som de uma melodia de celebração, o que contribui para a ilusão de que seguimos pelo mundo de um conto de fadas.

Em suma, é um momento perfeito.

Só que não é. Nem por isso. Ou, pelo menos, para mim não é.

Porque, no que me diz respeito, isto não é um conto infantil.

Isto é Dallas. É o bairro onde cresci. E isso quer dizer que não estou num conto de fadas. Estou num pesadelo.

Os ramos não são incríveis — são assustadores. Esticam-se para me apanhar. Para me prender com força. Para me aprisionar.

O dossel não marca um corredor majestoso que conduz a um castelo. Leva a uma cela. E não é *A Dança da Fada do Açúcar* que permeia o ar. É um *requiem* pelos mortos.

O mundo fora deste carro está pejado de armadilhas e, se eu não tiver cuidado, vou cair numa delas. Vou ser destruída pelas trevas que se escondem por trás das fachadas falsas destas casas imponentes. Ficarei rodeada, não por um luminoso conto de fadas, mas por um filme de terror, atraída pela promessa de beleza e depois aprisionada para sempre e destruída lentamente, despedaçada pelos monstros na escuridão.

Respira, digo a mim mesma. Tu consegues fazer isto. Só tens de te lembrar de respirar.

— Nikki. *Nikki.*

A voz do Damien sobressalta-me e traz-me de volta à realidade, e eu endireito-me rapidamente, afugentando os fantasmas das minhas memórias.

O tom é suave, profundamente delicado, contudo, quando olho para ele, vejo que os seus olhos se baixaram até ao meu regaço.

Fico confusa por alguns instantes, até que me apercebo de que puxei a saia um pouco para cima e, com a ponta do dedo, percorro a cicatriz violenta que me marca a parte interna da coxa. Uma recordação da ferida profunda e feia que infligi a mim mesma há uma década, quando andava desesperada por encontrar uma forma de libertar toda a raiva, todo o medo e toda a dor acumulados e a rodopiarem dentro de mim como uma falange de demónios.

Afasto a mão e depois viro-me para olhar pela janela, sentindo-me estranha e estupidamente envergonhada.

Ele nada diz, mas o carro aproxima-se da berma e abrandando até parar. A seguir, os dedos do Damien entrelaçam-se com os meus. Aperto-os bem, à procura de forças, e, quando me

viro para olhar mais diretamente para ele, vejo a preocupação gravada nos ângulos duros daquele rosto perfeito e refletida naqueles olhos excepcionais de duas cores.

Preocupação, sim. Mas é o resto do que vejo que me deixa sem fôlego. Compreensão. Apoio. Respeito.

Acima de tudo, vejo um amor tão forte que tem a capacidade de me derreter; deixo-me levar pela sua capacidade de me tranquilizar.

Ele é o maior milagre da minha vida e há momentos em que ainda não consigo acreditar que seja meu.

Damien Stark. Meu marido, meu amante, meu melhor amigo. Um homem que comanda um império com uma mão firme e controladora. Que não acata ordens de ninguém, mas que hoje faz de motorista para poder estar a meu lado enquanto eu confronto o meu passado.

Por um momento, limito-me a contemplá-lo. A sua força, aparente tanto nos modos autoritários como nas linhas compridas e esguias do seu corpo atlético. O seu apoio, refletido naqueles olhos que me veem tão intimamente. E que têm, ao longo dos anos, ficado a saber todos os meus segredos.

O Damien conhece todas as cicatrizes do meu corpo, bem como a história por trás de cada uma. Conhece a profundidade da minha dor e sabe o quanto eu evoluí. Quanto o seu amor me tem feito avançar.

Sobretudo, sabe o que me custa voltar ao Texas. Andar por estas ruas. Olhar para este bairro, tão cheio de dor e memórias sombrias.

Com um pequeno estremecimento, liberto a mão para poder abraçar-me a mim mesma.

— Oh, querida. — A preocupação na sua voz é tão palpável que quase consigo agarrá-la. — Nikki, não tens de fazer isto.

— Tenho. — As palavras saem-me a custo, tenho a garganta demasiado embargada com lágrimas por derramar para conseguir falar normalmente.

— Ternura...

Fico à espera de que ele continue, mas ele calou-se. Vejo a tensão no seu rosto, como se não tivesse a certeza do que dizer ou de como dizê-lo — mas o Damien Stark nunca tem dúvidas. Nem acerca de negócios, nem acerca de si mesmo, nem acerca de mim.

Porém, neste instante, ele está a hesitar. A tratar-me como se eu fosse uma coisa frágil e quebrável.

Uma pontada inesperada de raiva percorre-me. Não com ele, mas comigo mesma. Porque, raios, ele tem razão. Neste momento, estou mais frágil do que nunca, e não é agradável aperceber-me disso. Esforcei-me tanto por ser forte e, com o Damien a meu lado, consegui.

Mas aqui estou eu, com todos os esforços a caírem por terra, simplesmente por ter regressado à minha terra natal.

— Achas que vir aqui é um erro — atiro-lhe as palavras, mas não é com o Damien que estou irritada, é comigo.

— Não. — Ele não hesita, e a rapidez e a certeza da sua resposta dão-me algum conforto. — Só não sei se esta será a altura certa. Talvez amanhã fosse melhor. Depois das tuas reuniões.

Não viemos ao Texas para eu poder torturar-me passando pelo meu velho bairro para visitar a mãe com quem há muito não falo, mas porque quero conseguir um contrato com uma das principais empresas de desenvolvimento tecnológico do país. O objetivo é produzir uma série de aplicações tanto para uso interno, pelos funcionários, como externo, para os clientes.

Submeti uma proposta e agora conto-me entre as cinco companhias convidadas a vir a Dallas fazer uma apresentação,

e a minha pequena empresa é de longe a menor e a mais recente. Desconfio, claro está, que parte do motivo para ter recebido este convite seja o facto de estar casada com o Damien Stark e por a minha empresa já ter licenciado *software* à Stark International.

Há um ano, isso ter-me-ia incomodado.

Mas agora não. Sou boa naquilo que faço e, se o apelido me facilita a entrada, que seja. Não me interessa como a oportunidade surge, porque sei que o meu trabalho é irreprensível e, se ficar com o contrato, será devido aos méritos da minha proposta e da apresentação que farei.

Trata-se de uma oportunidade fenomenal que não quero desperdiçar. Sobretudo tendo em conta que o meu objetivo para os próximos 18 meses é aumentar os valores a receber, contratar cinco funcionários e ocupar todo o piso do edifício onde se encontra o meu escritório.

Passei meses a trabalhar no meu plano de negócios e estava uma pilha de nervos quando o entreguei ao meu marido, mestre do universo e empreendedor genial, para que o revisse. Quando lhe deu o selo de aprovação de Damien Stark, caí praticamente para o lado de alívio. O meu plano para fazer o negócio crescer não depende deste trabalho, porém, se o conseguir, poderei antecipar todos os prazos em cerca de seis meses. Mas sobretudo, ao obter este contrato vou colocar a minha empresa firmemente na competição.

Os meus ombros descaem um pouco enquanto eu lhe fito os olhos.

— Estás com medo de que eu fique instável depois de ver a minha mãe. Que faça má figura nas reuniões de amanhã e que isso prejudique a minha possibilidade de conseguir o contrato.

— Quero que estejas no teu melhor.

— Eu sei que queres — digo-lhe com sinceridade, porque o Damien sempre me apoiou ao máximo. — Não percebes? É por isso que estamos aqui. É como um ataque preventivo.

Fica de cenho franzido, mas antes que possa perguntar-me a que me refiro, eu apresso-me a explicar:

— O simples facto de estar em Dallas mexe-me com a cabeça... ambos sabemos isso. Ela assombra esta cidade. E ter-te aqui comigo, agora, melhora imenso as coisas. Mas tu não podes estar sempre comigo e, antes de fazer a minha apresentação, preciso de ter a certeza de que serei capaz de viajar entre Los Angeles e Dallas sem ter medo de a encontrar em cada esquina.

A verdade patética é que, ultimamente, tenho visto a minha mãe em todo o género de esquinas. Imagino que a vejo em centros comerciais de Beverly Hills. Em praias de Malibu. Em ruas cheias de gente. Em eventos solidários. Não faço ideia da razão para esta mulher, que eu tinha bloqueado da minha mente a tanto custo, andar a ocupar-me de tal maneira a imaginação, mas é isso que acontece.

E não a quero aí, de todo.

Inspiro profundamente, esperando que ele compreenda.

— Preciso de dar descanso a todos esses demónios e concentrar-me apenas no meu trabalho. Por favor — acrescento, numa voz de rogo. — Por favor, diz-me que compreendes.

— Compreendo — diz ele, e depois pega-me na mão para me beijar as pontas dos dedos ao de leve. Ao mesmo tempo, o seu telemóvel começa a tocar. Está entre os dois assentos da frente e eu vejo que é o advogado dele, Charles Maynard, quem telefona.

— Não tens de atender? — pergunto quando ele faz uma careta e rejeita a chamada.

— Pode esperar.

A sua voz tem uma dureza que me faz pensar que há qualquer coisa que não está a contar-me. Não que o Damien me mantenha informada acerca de todos os aspetos dos seus negócios — tendo em conta que é basicamente dono e gestor de todo o planeta e de uns quantos sistemas solares mais afastados, isso requereria demasiadas atualizações —, mas tende a manter-me a par de coisas que o perturbem.

Faço uma careta. É evidente que não me conta porque já tenho o suficiente com que me preocupar. E, embora aprecie o gesto, não me agrada que — mais uma vez — a minha mãe se interponha entre mim e o meu marido.

— Devias ligar-lhe de volta — digo. — Se está a ligar a um domingo, deve ser importante...

Deixo as palavras no ar, esperando oferecer-lhe uma abertura, mas ele limita-se a abanar a cabeça.

— Não te preocupes com isso — diz-me, apesar de nesse momento receber uma mensagem de texto.

Pega no telemóvel, mas não sem que eu tenha tempo de ver o nome do Charles a aparecer mais uma vez no ecrã bloqueado, desta feita com uma só palavra: *Urgente*.

O Damien fita-me e, por um mero momento, a sua frustração é quase cómica. Depois carrega no botão para telefonar ao Charles. Um segundo depois, está a dizer:

— Raios, tinha-te dito que não podia ser incomodado com isto agora.

Ouve a resposta, com as rugas na testa a vincarem-se ainda mais. Por fim, suspira; há muito tempo que não o via com um ar tão frustrado.

Um mau agouro arrepia-me. O Damien não é do tipo de homem que fique frustrado com negócios. Pelo contrário, quanto mais difícil e desafiante se apresentar a conclusão de um negócio, mais ele se entusiasma.

O que quer dizer que isto é pessoal.

— Eu percebo, Charles, mas não te pago por conselhos em relação a isto. Pago-te pelos recursos que tanto gostas de alardear. Por isso, põe-nos a uso, raios. Faz tudo o que esteja ao teu alcance e apresenta-me respostas quando eu voltar a Los Angeles. Está bem — acrescenta depois de outra pausa. — Liga-me se tiveres alguma coisa em concreto. Caso contrário, vemo-nos daqui a dois dias.

Ele desliga a chamada e pousa o telemóvel com força. Abro a boca, com a intenção de lhe perguntar o que está a acontecer, mas antes que tenha oportunidade de o fazer, ele puxa-me bruscamente para si e cobre-me a boca com a sua. O beijo é forte, brutal, e eu deslizo para ele, perdendo-me na loucura. E pelo menos durante este momento esqueço tanto a minha apreensão como os seus problemas. Não há nada para além de nós, da nossa paixão que é um fogo que corrói os destroços das nossas vidas, que nos consome até aos ossos até nada restar para além de nós.

Estou ofegante quando nos separamos, com os lábios inchados e dormentes, o corpo a arder. Quero dar meia-volta e regressar para o hotel. Quero despir-me e sentir as mãos dele no meu corpo, senti-lo dentro de mim. Quero sexo louco. Puro. Dor e prazer tão intensos que me façam perder neles. Uma paixão tão violenta que me destrua. E o Damien — sempre o Damien — junto a mim para voltar a construir-me.

Quero, mas não posso. Ainda não. Porque, independentemente do que mais esteja a passar-se, vim a este bairro com um objetivo e, se voltar para trás agora, sou capaz de não ter forças para regressar.

Assim, aconchegada nos braços do Damien, encosto a face ao seu ombro e suspiro, prolongando o momento. Depois levanto a cabeça para lhe ver o rosto. O Damien não me esconde

segredos — já não —, e eu espero que ele me conte o motivo do telefonema. Mas ele nada diz e o meu estômago revolve-se. Porque conheço o Damien suficientemente bem para saber que a única razão para ele se conter é proteger-me. E, neste momento, está a esforçar-se ao máximo para me escudar do inferno emocional desta viagem.

— Damien?

Ele entrelaça a mão na minha e depois beija os nossos dedos unidos.

— Desculpa. Este tempo é para nós. Para ti. Não teria telefonado, só que...

— Eu percebo. A sério. — É verdade. Percebo por que telefonou. E percebo que esta desculpa é a sua forma de me dizer que não vai dizer nada sobre o assunto. Por ora. Até termos visto a minha mãe. — É melhor irmos andando.

Por um momento, ele fixa-me o olhar, a tentar aferir se estou mesmo preparada. Depois acena com a cabeça e lança um olhar de relance ao telemóvel.

— Tens a certeza de que não queres telefonar-lhe primeiro?

— Não. Vamos e pronto. — O que não digo (mas tenho a certeza de que o Damien compreende) é que o elemento da surpresa me agrada. Por uma vez, talvez eu fique em vantagem. E o facto de o Damien estar ao meu lado na soleira da casa dela é um bónus. Esboço um sorriso, breve, mas muito genuíno. — Acho que a intimidas.

— Eu? — O sorriso dele é largo e travesso. — Não imagino porquê.

— Hum-hum — faço eu. — Muito bem, em frente.

Com um gesto majestoso, indico-lhe que volte à estrada. Ele tinha parado em frente a um dos casarões imponentes a poucos quarteirões da Highland Park Village — uma das

zonas comerciais mais chiques do país, e um sítio que conheço muito bem. Tenho praticamente a certeza de que a minha mãe comprou de tudo, para mim e para a minha irmã Ashley, desde fraldas criadas por estilistas a vestidos de baile, nas boutiques do centro.

Contudo, apesar do brilho de revista de sociedade deste enclave de Dallas, um carro *Phantom* continua a dar nas vistas. Sobretudo quando é uma beleza completamente restaurada.

— A vizinhança está a ficar invejosa — digo, inclinando a cabeça na direção de duas mulheres a arregalarem os olhos para o carro enquanto correm. — Vão começar os boatos acerca de quem irá mudar-se para este bairro ainda com mais dinheiro do que os outros.

O Damien não concorda com o comentário.

— Não é o preço que intriga as pessoas — diz ele. — É a beleza. A arte. A restauração. Esta é uma zona que vive das aparências — acrescenta ele, indicando à sua direita a fileira de casas elegantes por que estamos a passar. Depois olha para a esquerda, com os olhos a percorrerem-me devagar. — E este carro, mais a mulher que contém... são duas coisas de beleza pura.

Sinto as faces a arder.

— Concordo contigo em relação ao carro — digo com modéstia, embora não possa negar que o elogio me agrada. — Mas acho que estão fascinadas sobretudo com o homem ao volante... e com o facto de ele ir a conduzir à direita.

Normalmente, quando andamos de limusina, quem a conduz é o Edward, o motorista pessoal do Damien. Mas o Edward não veio connosco nesta viagem e, mesmo que ele aqui estivesse, eu sei que o Damien insistiria em guiar o seu novo brinquedo.

É estranho ser uma passageira no lado que costuma ser o do condutor, mas esta limusina *Phantom V* de 1967 é o mais

britânica possível, tendo em tempos sido o veículo que transportava a família real.

Não admira que eu me sentisse como uma princesa de um conto de fadas.

Vimos a Dallas por causa do meu trabalho, mas quando o Damien ficou a saber da viagem, marcou uma reunião com um engenheiro aeroespacial reformado que tinha conhecido num salão de carros clássicos, cujo hobby, transformado em segunda carreira, é restaurar *Bentleys* e *Rolls Royces* até ficarem como novos. Quando chegámos, fomos diretos para casa dele, em North Dallas, e o Damien passou duas horas num estado de êxtase a falar deste *Phantom*.

— Quanto? — perguntou ele, depois de ter inspecionado a limusina de ponta a ponta, comentando o *design* genial e a proeza mecânica com o género de arrebatamento que a maioria das pessoas costuma dedicar a falar de estrelas de cinema. Eu não poderia negar que ele tinha razão em relação à beleza e singularidade do carro. Está pintado na típica cor negra, mas o polimento é tal que todos os ângulos e curvas se destacam de uma forma perfeitamente vantajosa. E o interior é tão elegante quanto um palácio, com a madeira gravada e polida na perfeição, os assentos de pele suaves e macios. O carro também é raro. Segundo parece, só foram produzidos 516 exemplares deste modelo específico.

O engenheiro apresentou um preço de seis algarismos e o Damien sacou do livro de cheques sem a menor hesitação. Menos de uma hora depois estávamos a conduzir pela autoestrada do Norte de Dallas no acréscimo mais recente à coleção automobilística do Damien, e a expressão feliz dele fez-me lembrar a de um rapazinho na manhã de Natal.

Agora ele manobra a limusina por Highland Park, o bairro endinheirado onde cresci. Embora os rendimentos da minha

família nunca se tenham aproximado dos do Damien, não passávamos propriamente dificuldades. O meu avô fez fortuna com o petróleo e, embora muito disso se tenha perdido na recessão — e, mais tarde, com a má gestão da minha mãe —, é inegável que fui uma criança privilegiada, como qualquer outra que viva nestas mansões enormes e requintadas.

Virei costas a tudo isso quando me mudei para Los Angeles, desejosa de escapar ao passado. Queria uma nova vida, uma nova Nikki. E estava determinada a conseguir vingar por conta própria, sem a carga da minha mãe a pesar-me.

Agora só posso sorrir ao olhar para o Damien. Para este carro que custa mais do que a maioria das pessoas ganha num ano. É engraçado como as coisas mudam. Eu era abastada em Dallas, mas infelicíssima. Agora sou podre de rica em Los Angeles, e mais feliz do que alguma vez poderia ter imaginado. Não por causa da conta bancária, mas por causa do homem.

— Estás a sorrir — diz ele, num tom agradado, e eu volto a sentir-me impressionada pelo facto de ele estar tão ansioso quanto eu. Porém, o que o preocupa não é ver a minha mãe. Não, o que o preocupa sou eu.

— Estava só a pensar em como sou feliz — admito, e depois digo-lhe porquê.

— Porque o dinheiro não está no cerne daquilo que somos um para o outro — diz ele. — Tu ias amar-me mesmo que eu fosse um indigente.

— É verdade — reconheço, e depois lanço-lhe um sorriso malandro. — Mas não posso negar que gosto das vantagens. — Passo a mão pelo painel de instrumentos. — É claro que gostaria mais *desta* vantagem em particular se o Edward estivesse aqui.

— Não fica satisfeita apenas a dar-me a mão, Sra. Stark?

— Dar-lhe a mão está muito bem, por ora — respondo com sobrançeria. — Mas, depois, vou querer mais. Mais tarde, vou querer as suas mãos no meu corpo todo.

O olhar que me dispara está carregadíssimo de calor e promessa.

— Acho que isso se arranja.

— Olhos na estrada, senhor motorista — digo-lhe, e depois aponto. — E vire aqui.

Ele assim faz, ao que a minha disposição desanima de imediato. Porque agora estamos mesmo na minha rua. Estamos a poucos quarteirões da minha casa de infância.

Inspiro.

— Estamos quase a chegar. E estou bem — acrescento, antes que ele tenha a oportunidade de perguntar.

Não estou bem — não por completo —, mas espero que, dizendo-o, consiga banir a dor horrível que sinto na boca do estômago e as náuseas que começam a crescer dentro de mim.

— Diz-me quando for para parar.

Eu assinto com a cabeça e, por um momento, imagino-nos a seguir caminho, avançando e avançando até sairmos deste bairro, regressando a Dallas propriamente dita e ficando bem longe das memórias que agora me avassalam como ondas incessantes a rebentar numa margem arenosa. Eu trancada num quarto escuro como breu porque as meninas precisam do seu sono de beleza, e a Ashley a sussurrar-me através da porta fechada para me prometer que nada está à espreita nas escuras para me fazer mal. Uma cabeleireira a puxar-me e repuxar-me o cabelo comprido e louro, ignorando as minhas lágrimas e os meus gritos de dor enquanto a minha mãe se mantém por perto, a dizer-me para me controlar. Que estou a embarçá-la. A minha mãe a agarrar-me por um braço enquanto me arrasta pelo corredor para me inscrever no meu

primeiro concurso de beleza, ainda com os olhos vermelhos do ardor da palma da sua mão no meu traseiro de infantário, para não esquecer que as *misses* não se queixam nem choramingam.

Penso num prato de jantar com porções mínimas de frango cozido com legumes cozidos a vapor enquanto a minha mãe e a minha irmã comem lasanha cheia de queijo, e na minha mãe a dizer-me que, se quero vencer concursos de beleza, tenho de prestar atenção a cada caloria e pensar que os hidratos de carbono são o demónio. E depois a sua boca a comprimir-se, reprovadora, quando insisto que não me interessa vencer concursos de beleza. Que só quero deixar de ter fome.

Eu nunca fui suficientemente boa. Era demasiado rechonchuda, tinha demasiadas curvas, parecia demasiado desenhada. Mesmo com uma coleção de coroas e títulos, nunca correspondi às suas expectativas, e não me lembro sequer de alguma altura em que a tenha sentido como uma mãe ou uma amiga. Em vez disso, ela era a governanta autoritária dos contos infantis. A madrasta malvada. A bruxa na casa de bolo de gengibre.

A minha irmã mais velha, Ashley, escapou às garras dela a partir do momento em que perdeu os concursos em que participava. Depois de várias derrotas, a minha mãe desistiu. E embora eu também tenha tentado perder, fui amaldiçoada com coroas e títulos.

Ao longo de anos, julguei que a Ashley tinha saído a ganhar. Só quando, mais tarde, depois de o marido a deixar, ela se suicidou, é que eu percebi quão profundas haviam sido as cicatrizes da Ashley. As minhas eram físicas, as marcas autoinfligidas de uma rapariga que levava uma lâmina à própria pele, primeiro para libertar a pressão e ganhar algum controlo, depois, mais tarde, para desfear as pernas perfeitas de

concurso de beleza e pôr fim à loucura daquela montanha-russa horrrosa.

As feridas da Ashley estavam abaixo da superfície, mas iam bem fundo. E, ao fim e ao cabo, tanto as minhas como as da minha irmã foram infligidas pela nossa mãe.

Tenho o coração a mil e obrigo-me a respirar com calma. Para me tranquilizar. Estamos quase a chegar e, se vou ver a minha mãe, preciso de ter a situação sob controlo. Se lhe mostrar a menor fraqueza que seja, ela vai aproveitar-se disso.

E, sim, já não é a primeira vez que fico em vantagem — mandei-a de volta para o Texas depois de ela ter tentado apoderar-se do planeamento do meu casamento, ignorando o que eu queria a favor da sua própria visão destorcida —, contudo, em Dallas, ela está a jogar em casa.

— Novecentos e trinta e sete? — pergunta o Damien, referindo-se à morada, ao que eu aceno com a cabeça.

— É a primeira casa à esquerda depois da curva — digo eu, orgulhando-me de quão normal a minha voz soa. Consigo fazer isto. Mais, *quero* fazê-lo. Limpar o ambiente. Livrar-me de todas as teias de aranha.

Basicamente, estou a fazer o equivalente parental de queimar sálvia numa casa marcada por más memórias.

A ideia diverte-me, e estou prestes a contá-la ao Damien quando o carro contorna a esquina e o meu humor se esvai.

Momentos depois, vejo a casa da minha infância. Porém, o que está estacionado no acesso não é o *Cadillac* da minha mãe. Em vez disso, estou a fitar dois *Land Rovers* que nunca vi na vida, para além de um *Mercedes* descapotável e uma carinha de mudanças.

Então, onde raio está a minha mãe?

Sou percorrida por um calafrio, um suor frio que me cobre o corpo todo enquanto o Damien faz deslizar o carro para trás da carrinha e desliga o motor.

Viro-me para ele, escrutinando-lhe o rosto em busca das respostas de que preciso, mas é claro que ele não as tem. Por um momento fugaz, mas horrível, sinto-me assoberbada pela sensação de ser puxada para o mar, afastada de tudo o que é caloroso e seguro até ficar fria e sozinha e à deriva sem nada para me ancorar.

Do lado de fora, um rapazinho de uns 4 anos atravessa o relvado a correr na nossa direção, de olhos arregalados. Uma mulher que deverá ter mais cinco ou seis anos do que eu persegue-o, dizendo-lhe que não se aproxime do carro.

Observo o menino, tão fascinada com ele como ele próprio está com o *Phantom*. Depois a mãe alcança-o e fá-lo dar uma volta no ar, provocando-lhe o riso antes de o colocar ao colo. Ele aninha-se nela, de polegar na boca.

Expiro e só então me dou conta de que tinha estado a conter a respiração.

— Anda — diz-me o Damien com delicadeza, ao mesmo tempo que leva a mão à porta do seu lado.

— Mas ela não está aqui.

Ele afasta-me uma madeixa de cabelo do rosto, com um toque que é tão tranquilizador como a sua voz.

— Mas a casa está.

Ele tem razão. Estava tão concentrada no meu plano de ver a minha mãe que não pensei nas outras memórias que a rodeavam. Memórias criadas entre as paredes desta casa. Penso na Ashley, que agora teria aproximadamente a idade daquela mãe jovem e, de súbito, não há nada que queira mais do que ver o quarto que em tempos foi dela.

— Tens razão. — A minha voz está embargada pelas lágrimas que estou decidida a não chorar. — Achas que podemos entrar?

— Vamos entrar — responde ele na mesma voz firme e confiante que já lhe ouvi tanto na cama como na sala de reuniões. Descontraio de imediato, porque, independentemente do que tenha corrido mal hoje, tenho a certeza de que, seja lá como for, o Damien vai fazer-me entrar naquela casa.

Ele sai e depois dá a volta ao carro para me abrir a porta. O verão está a começar e uma frente de calor texano vem contra mim, sobrepondo-se à frescura que perdurava no interior climatizado do carro. O Damien ajuda-me a sair e, quando fecha a porta, a mãe e o filho vêm ter connosco.

— Posso ajudar-vos? — A sua voz tem o tom cuidado e educado de alguém que tenha crescido no nordeste do país.

— Chamo-me... Nikki Fairchild — digo, calculando que, dadas as circunstâncias, ela reconhecerá o meu nome de solteira. — Vim à procura da minha mãe — acrescento, em vão, quando ela se limita a olhar para mim, não dando quaisquer mostras de reconhecer o nome.

— Da sua mãe? — Ela franze o nariz, confusa.

— Elizabeth Fairchild — esclarece o Damien. — É, ou era, a proprietária desta casa.

— Fechámos o negócio ontem.

No seu colo, o rapazinho remexe-se, e ela deixa-o deslizar pela perna abaixo, onde ele se agarra, como se a mãe fosse o refúgio mais seguro do mundo.

— Sabe durante quanto tempo a casa esteve à venda? — pergunta o Damien enquanto o rapazinho se aproxima a medo do *Phantom*.

A testa dela enruga-se ao estudar o rosto do Damien.

— Espere. Eu conheço-o. Você é aquele tenista...

— Nikki?

A voz de outra mulher interrompe-a e eu inquieto-me um pouco. Tanto com o som do meu nome, como com a familiaridade da voz. Olho para a casa e o meu coração salta com o que vejo. A mulher no alpendre está na sombra, mas reconheço-a de imediato.

— Sra. McKee?

Ouçó o tremor da minha voz, mas não me importa. Lanço-me para a frente e, quando acabo de atravessar o relvado, ela desceu do alpendre e apressa-se a vir ao meu encontro. Lanço-me para os seus braços e deixo que me envolva num abraço apertado e carinhoso. Sabe-me bem, o afeto e o apoio desta mulher que conheci durante toda a minha vida e que, durante tantos anos, fingi que era a minha verdadeira mãe. Sonhava que, mais cedo ou mais tarde, haveria de descobrir a verdade, e eu e a Ashley passaríamos a viver com a família dela. Pois como diabos poderia Elizabeth Fairchild ser mesmo a mãe de alguém?

Quando finalmente nos afastamos, tenho as faces molhadas por lágrimas. O Damien está de novo a meu lado e eu estendo-lhe a mão. Ele segura-a automaticamente e depois cumprimenta a Sra. McKee com um aceno da cabeça.

— Deve ser a mãe do Ollie — diz ele, referindo-se ao meu vizinho de infância, que é um dos meus dois melhores amigos.

— Por favor, chame-me Caroline. E o senhor é o Damien, claro.

— Oh! É isso! Você é o Damien Stark!

— Esta é a Misty — apresenta-a a Caroline, a apontar para a jovem mãe muito animada. — Ela e o marido acabam de se mudar do New Hampshire. Há anos que conheço o pai dela.

— É um prazer conhecer-vos a ambas — diz o Damien, ao que Misty fica de queixo caído.

— Não consigo dizer-lhe como estou feliz por finalmente o conhecer — diz a Caroline ao Damien. — E há demasiado tempo que não te via, minha menina. — Ela sorri-me com uma afeição genuína que nunca vi nos olhos da minha própria mãe. — Não fazia ideia de que estivesse por cá.

— Não me lembrei de a avisar — reconheço. — Nem sequer disse ao Ollie que vinha ao Texas. Vim em trabalho. Tenho uma reunião amanhã e... — Interrompo-me e franzo o sobrolho. — A verdade é que vim ver a minha mãe. Sabe para onde é que ela se mudou?

A Caroline abana a cabeça.

— Perdemos o contacto depois de eu e o Arthur termos ido para um apartamento mais pequeno, em University Park. Fica a poucos quilómetros daqui, mas parece que é preciso atravessar o Grand Canyon para lá chegar. Contudo, ouvi dizer que ela também queria uma casa mais pequena e, ao saber que esta estava à venda, mencionei-o à Misty e ao marido. Isso foi há umas duas semanas, não foi?

A Misty assente com a cabeça.

— Mas nós só tratámos com o agente imobiliário. E a casa já estava desocupada quando a vimos.

— Mamã! Mamã! — O rapazinho puxa-lhe a mão. — Carro! Por favor! Quer ver carro grande!

— Calma, Andy. — A voz da Misty é tão suave quanto o seu sorriso, mas, quando ela olha para mim, é confusão que lhe vejo no rosto. — A sua mãe não lhe disse que se tinha mudado?

— Deve estar num desses complexos habitacionais temporários, à espera de que a casa nova fique pronta e não quis incomodar-te com uma morada provisória. — A explicação improvisada da Caroline sai-lhe com naturalidade, mas a tensão à volta dos seus olhos reflete compreensão e compaixão. Porque a verdade é que a Caroline sabe mais pormenores do que a maioria das pessoas acerca da relação instável que tenho com a minha mãe. Não que eu alguma vez lhe tenha contado — ou que ela alguma vez me tenha dito o que quer que fosse acerca disso — mas de certeza que o Ollie terá partilhado com ela parte do que eu lhe confessei. E eu nunca deixarei de me sentir agradecida pelas vezes que a Caroline me deixou ficar até tarde em sua casa, supostamente a fazer trabalhos de casa, ou quando me dava um chocolate e me obrigava a jurar segredo porque, se se soubesse, todos os miúdos da vizinhança também iam querer um.

Por outras palavras, tenho a certeza de que a Caroline sabe perfeitamente que a ideia de me manter a par dos seus planos nunca passou sequer pela cabeça da minha mãe. No que diz respeito a Elizabeth Fairchild, eu sou um adereço, não uma filha. Se precisa de me usar, contacta-me. Caso contrário, a expressão «longe da vista, longe do coração» é levada à letra.

Eu sei que isso não deveria incomodar-me. Afinal de contas, não quero aquela mulher na minha vida. Ainda assim, enquanto olho para a expressão terna no rosto da Misty ao beijar

a testa do filho, não posso negar a sensação assoberbante de perda que me domina.

Mas como será possível perder o que nunca se teve, caramba?

— Podemos sempre ligar à Elizabeth para saber a nova morada — diz o Damien num tom despreocupado, como se passássemos a vida a telefonar à minha mãe. — Honestamente, viemos sobretudo por causa da casa. Nunca vi a casa de infância da Nikki — acrescenta ele, e eu fico-lhe absurdamente grata por não contar a verdade a estas mulheres: que sou eu, e não ele, quem vai ao comando desta locomotiva. Que eu quero... não, *preciso* de ver o interior da casa em que cresci. Uma casa que nunca foi um lar. E talvez, talvez apenas, se a percorrer uma última vez, possa esquecê-la final e verdadeiramente.

O Damien lança à Misty o tipo de sorriso que me deixa sempre sem força nas pernas.

— Já que aqui estamos, será que podemos entrar? — Quando ela hesita, ele indica o *Phantom*. — Enquanto isso, esteja à vontade e deixe o pequenote ver o *Rolls*.

— Oh!

Os olhos dela arregalam-se e ela olha para o filho, que se sentou na relva e está a espetar um pauzinho na terra.

O Damien agacha-se e fica quase ao nível do menino.

— Que me dizes, Andy? Queres ir ver o carro grande por dentro?

Os olhos dele esbugalham-se enquanto fita a mãe e depois o Damien. Depois acena lentamente com a cabeça, parecendo recear que, se demonstrar demasiado entusiasmo, nos vamos rir e dizer que era a brincar.

— Ele é adorável — digo eu, e depois sorrio enquanto o Damien torna a levantar-se a meu lado. — E parece que a deixa bem ocupada.

A Misty ri-se.

— Nem imagina. Ou talvez imagine? — Olha para nós os dois, curiosa. — Têm filhos?

— Ainda não. — Faço o meu sorriso de Nikki em Ocasão Social. — Mas temos uma sobrinha mais ou menos da idade dele e um sobrinho quase a fazer 2 anos.

A Caroline leva uma mão à anca.

— Bem, eu cá acho que vocês precisam de pôr mãos à obra — diz ela. — Adoraria ser a tia Caroline. Sabe Deus que o Ollie não anda a fazer progressos nenhuns para me dar netos.

— Um dia — diz o Damien, passando o braço à volta da minha cintura.

— Espero bem que sim. — A Caroline sorri-nos com ternura. — Teriam bebés lindos.

— Quanto a isso, não posso contrariá-la — acrescenta o Damien, e puxa-me mais para si para me dar um beijo na têmpora. — A Nikki vai dar uma mãe incrível.

Reteso-me, com a atitude a passar de socialmente amistososa para gelidamente educada. Não se trata de uma conversa que eu queira ter agora. Não com uma desconhecida. Não com a Caroline. Nem sequer com o Damien, e frustra-me que ele tenha entrado tão facilmente no papel do marido ávido por ser pai. Já falámos sobre o assunto vezes sem conta, e julgava que nos tínhamos entendido. Um dia, sim, quero ter um filho nosso nos braços. Mas nenhum de nós está pronto para isso. Há demasiadas barreiras, demasiados desafios. E o facto de ele agora falar com tanta descontração acerca de uma coisa tão importante dá-me a volta por dentro. Sobretudo porque não posso propriamente chamá-lo à atenção enquanto estamos num relvado em Dallas e já me sinto tão vulnerável.

Foda-se.

Solto-me e, quando o faço, o Damien fita-me os olhos. Vejo o pedido de desculpas no seu rosto, mas não estou com disposição para isso. Já estou demasiado desequilibrada, pelo que me limito a enfiar as mãos nos bolsos da saia de verão. Por um instante, julgo que ele vai dizer mais alguma coisa, mas então concentra-se na Misty, para lhe dizer que o carro está destrancado.

Enquanto eles falam, encaminho-me para a casa, com a Caroline a meu lado. A cada passo, sinto os pés mais pesados e a pulsação mais acelerada. É uma tolice, eu sei — não se dá o caso de eu ir encontrar a minha mãe à minha espera —, mas há anos que não volto a esta casa e, agora que estou prestes a entrar, estou uma verdadeira pilha de nervos. Quero o Damien a meu lado. Quero a sua mão na minha. E estou zangada, magoada e irritada por umas poucas palavras terem criado um muro entre nós. Zangada com ele. E, sim, zangada comigo também.

Atrás de nós, ouço a Misty a falar com o Damien.

— Vou limpar-lhe as mãos antes de ele entrar no carro. Estejam à vontade, vejam o que quiserem. Cuidado que isso parece um labirinto, ainda não desempacotámos nada.

Eu e a Caroline paramos e eu vejo a Misty a ir atrás do Andy, que corre tão depressa quanto as perninhas lhe permitem na direção do *Rolls Royce*. O Damien vira-se, mas hesita antes de caminhar para nós, com uma expressão indecifrável. Depois inclina a cabeça para o lado, apenas um pouco, e, quando as suas sobrancelhas se arqueiam interrogativamente, vejo tudo o que ele não está a dizer em voz alta. *Desculpa. Estamos bem?*

O aperto à volta do meu coração aligeira-se e eu inspiro, espero um segundo e depois estendo-lhe a mão. Por um instante, o alívio faísca-lhe nos olhos. Depois a sua expressão esmorece e ele junta-se a nós, entrelaçando os dedos nos meus.

A Caroline olha para nós e esboça um sorriso tão compreensivo que me pergunto se terá dado pela tensão. Não que vá perguntar-lhe. Em vez disso, seguimos para a casa.

— Quantas vezes te trouxe a casa quando tu e o Ollie eram pequenos? — pergunta a Caroline quando avançamos para o alpendre. — Ou vim aqui para arrastar o Ollie para casa, quando vocês passavam o dia na piscina?

— Muitas — respondo, deixando que as memórias me distraiam. A verdade é que o Ollie raramente vinha a minha casa. Quando nos deixavam brincar juntos, tanto eu como ele preferíamos a sua. Só no pico do verão ficávamos aqui, para desfrutar da piscina, e mesmo nesses casos só depois de a minha mãe se assegurar de que eu estava coberta de protetor solar dos pés à cabeça. A rainha dos concursos de beleza não poderia apanhar um escaldão ou ficar com sardas.

— Vai lá, minha querida — diz a Caroline. — Eu espero aqui por vocês.

Assinto com a cabeça e, quando o Damien me aperta a mão, num gesto silencioso de apoio, apercebo-me de como tenho as palmas suadas. A porta já está entreaberta, pelo que, com a outra, a empurro. Engulo em seco e depois, antes que perca a coragem, avanço pelo patamar.

Hesito, sem saber ao certo o que esperava. Fantasmas em forma de memória a descerem do teto? O rosto da minha mãe a devolver-me o olhar no espelho da estrada? A sua voz a ordenar-me que fosse para o quarto descansar porque já são quase nove da noite e eu preciso de ter o sono em dia antes do desfile desse fim de semana?

Mas não há nada. São só paredes. Só ladrilhos e soalhos, tinta e papel de parede. Sinto o corpo relaxar e, quando fito os olhos do Damien, as comissuras dos seus lábios curvam-se num sorriso de compreensão.

— Onde era o teu quarto? — pergunta-me quando avançamos pelo átrio para a sala de estar ampla.

— Por ali. — Aponto para o corredor comprido que segue para a direita. — A minha mãe ocupava a suíte, do outro lado da casa. Mas eu e a Ashley tínhamos os nossos quartos aqui.

— Mostra-me.

— Duvido de que se pareça de todo com o que era quando eu morava aqui — digo, mas já estou a seguir nessa direção. As paredes estão de um branco mate, quando em tempos foram rosa-claro. Eu queria verde-lima. Uma coisa diferente, divertida e um pouco insolente. Um contrapeso às boas maneiras e às roupas perfeitamente cuidadas que me tinham sido impingidas durante toda a vida.

A minha mãe, claro, tinha vetado esse plano, porque as meninas que vencem concursos de beleza são meninas que adoram cor-de-rosa. Meninas que seguem as regras. Que não armam chinfrim nem causam problemas.

Meninas que não têm opiniões próprias.

Pelo menos, era isso que cada palavra saída da boca da minha mãe parecia implicar. Já sei que não é assim e conheço e respeito várias mulheres que passaram pelo circuito dos concursos de beleza. Mas, nessa altura, tinha a minha mãe na cabeça. E sempre que vencia um concurso, tinha de me perguntar o que isso revelava acerca de mim. Seria eu realmente assim tão enfadonha e cabeça vazia? Será que só servia mesmo para aquilo?

Lembro-me de ir ter com a Ashley, de me aninhar no monte de almofadas na cama da minha irmã mais velha e de lhe sussurrar que detestava a nossa mãe. Que detestava cor-de-rosa. Que a nossa mãe era má e eu queria que as minhas paredes fossem verdes e que não era justo e porque era que eu nunca podia ter nada do que queria, e por aí fora.

— E sabes o que ela fez? — pergunto ao Damien, depois de lhe ter contado tudo isso. — Veio para casa no dia seguinte com uma lata minúscula de tinta verde-lima que tinha surripiado do departamento de artes da escola secundária onde andava. — Pestanejo para conter as lágrimas despertadas pela memória. — Disse-me que eu precisava de um bocado de verde, por isso pintámos um quadradinho minúsculo mesmo por trás da mesa de cabeceira, e depois pegámos numa borracha e escrevemos as nossas iniciais na tinta. Era mais ou menos por aqui — digo-lhe, levando-o até ao outro lado do quarto e apontando para um monte de caixas.

Ele baixa-se, afasta umas quantas caixas e depois curva o dedo para me chamar. Assim faço e inspiro fundo quando vejo o que ele encontrou. Foi coberto por tinta, mas ainda se nota claramente a sombra de um quadrado verde sob o branco mate. E, no meio — mais textura do que imagem — estão as iniciais. NF e AF.

Os joelhos falham-me e eu deixo-me cair no chão, com os braços do Damien a rodearem-me para me ampararem a queda.

— Ainda bem que estás aqui — murmuro, de costas para o seu peito.

— Nunca estarei noutro lugar.

Assinto com a cabeça, reconhecendo a simples verdade que é o milagre reluzente da minha vida enquanto me recosto nele, grata pelo seu calor e pela sua força.

— Não quero lembrar-me — reconheço. — Mas o simples facto de estar aqui... está tudo a voltar. O bom. O mau. Está a abater-se sobre mim como ondas. Todas estas memórias e não tenho forças para as impedir de chegarem.

— Então não tentes — diz ele. — Solta-te, querida. Deixa que a maré te leve. Eu serei a tua corda. Vou sempre puxar-te de volta para casa.

Fecho os olhos com força, perdida na magia das suas palavras. Na promessa de que ele irá sempre proteger-me. Que irá sempre amar-me.

Um calafrio percorre-me. Não é de frio. Não é de medo. Mas da simples noção de que deveria ter conhecido este tipo de amor abrangente e incondicional com a minha mãe. Mas tive de o encontrar na minha irmã. Nos meus amigos.

No Damien.

— A minha mãe não fazia ideia — sussurro. — Não tinha a menor noção de como ser mãe.

As lágrimas caem-me livremente agora, ao recordar o dia em que recebi o telefonema que me informou que a Ashley tinha morrido. A voz seca da minha mãe a dizer que ela se tinha suicidado. E não era seca de tristeza ou lamento, mas de reprovação. Como se a Ashley não tivesse estado à altura das suas expetativas.

A ironia, claro está, era que tinham sido as expetativas e as inseguranças a matar a minha irmã. A sua certeza arreigada de que não tinha a menor ideia de como ser uma esposa. De que, quando o marido a deixou por outra mulher, isso provava que ela era um fracasso — tal como a minha mãe sempre dissera.

Ela matou-se porque acreditava que era um zero à esquerda. Mas, para mim, a Ashley tinha sido tudo.

— Estávamos aqui sentadas quando ela me disse que ia casar. No chão ao lado da minha cama. E ela disse-me que ia ter uma boa vida e ser melhor mãe do que a nossa.

As palavras saem-me tão depressa quanto as lágrimas. Adoro a Ronnie e o Jeffery, a minha sobrinha e o meu sobrinho, mas um filho da Ashley deveria ter vindo primeiro. Eu queria tanto ser a tia Nikki... ser a melhor tia de sempre, tal como a Ashley tinha dito.

— Nunca teve a oportunidade de o ser.

De repente, a perda da minha irmã torna-se uma dor física no meu peito. Viro-me nos braços do Damien, encosto a cara ao seu peito e soluço.

Eu vim a esta casa porque queria exorcizar os meus demónios, mas agora parece que há fantasmas por todo o lado.

Arquejo e depois tento que as palavras passem pela minha garganta embargada pelas lágrimas.

— Por favor — suplico. — Por favor, será que podemos só ir embora?

— Já fomos.

Ele beija-me com delicadeza e depois segura-me no cotovelo para me levar do quarto. Contudo, eu fico apenas a seu lado, detestando sentir-me tão fraca e frágil. Tento recompor-me, determinada a sair desta casa sem que a Caroline ou a Misty vejam qualquer indício de dor no meu rosto.

Porém, não sou capaz. Tenho os joelhos trémulos. A minha pele fica suada. Começo a dar um passo na direção da porta, mas o mundo parece virar-se do avesso e virar-me a mim também.

Só tenho tempo de olhar para o Damien — e de lhe ver a preocupação estampada na cara — antes de tudo ficar cinzento e eu perder os sentidos nos braços do meu marido.

**Damien Stark é todo-poderoso
e não aceita um «não» como resposta.**

**Mas eu, sua mulher, só digo «sim»
segundo as minhas condições.**

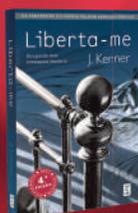
No novo capítulo da nossa vida, há sombras que nos atormen-
tam... Fantasmas do passado que ameaçam a nossa felicidade,
manchando aquilo que poderia ser uma vida perfeita juntos.
Damien é o meu coração e a minha alma. O meu passado e o
meu futuro. O homem que me mantém sã, que me anima os dias
e encanta as minhas noites.

Mas quando a tragédia afeta o nosso casamento, eu sou for-
çada a aceitar que até uma vida perfeita pode começar a ceder
à pressão. E se queremos que o nosso casamento sobreviva,
teremos de usar todas as nossas forças para recuperar o que
estamos lentamente a perder.

**«J. Kenner arrasou o mercado com os seus anti-heróis
pecaminosamente sedutores e dominantes
e as mulheres que se perdem por eles.»**

RT Book Reviews

Outros títulos sensuais da série Stark:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-53-9



9 789898 917539

Romance Erótico